O estoicismo e a brevidade da vida

Nadir Antonio Pichler¹
Milena Paula Zancanaro²
Talia Castilhos de Oliveira³

RESUMO

Este artigo descreve e analisa algumas teses filosóficas do estoicismo e da brevidade da vida em Sêneca. Em forma de esboço, apresenta e analisa alguns traços fundamentais da escola estoica e como a vida é breve, finita e passageira. A maioria das pessoas se apega às coisas fúteis da vida e à busca de bens exteriores, como o dinheiro e os bens materiais. Poucas se dão conta da arte de viver. E a filosofia torna-se o caminho para a felicidade e a tranquilidade da alma.

PALAVRAS-CHAVE

Estoicismo, fases, felicidade, brevidade da vida.

¹ Nadir Antonio Pichler é professor da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, RS, Brasil. E-mail: nadirp@upf.br.

² Milena Paula Zancanaro é graduanda em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, RS, Brasil.

³ Mestre em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, RS, Brasil.

Stoicism and the brevity of live

ABSTRACT

This article describes and analyzes some philosophical theses of Stoicism and the brevity of life in Seneca. In outline form, it presents and analyzes some fundamental traits of the Stoic school and how life is brief, finite and fleeting. Most people cling to the futile things of life and the pursuit of foreign goods, such as money and material goods. Few realize the art of living. And philosophy becomes the path to happiness and tranquility of the soul.

KEYWORDS

Stoicism. Phases. Happiness, brevity of life.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar algumas teses do estoicismo e como Sêneca, um dos principais representantes desta corrente de pensamento, analisa a brevidade da vida na obra *Sobre a brevidade da vida* (*De brevitae vitae*) (BV).

Não há pretensão de fazermos uma análise formal deste tratado, mas apenas de discutir algumas de suas teses, possivelmente ainda úteis para suscitar uma reflexão existencial na atualidade em torno da arte de viver, da busca da vida boa e da finitude da condição existencial humana.

Como veremos, Zenão de Cítio é o fundador do estoicismo. A influência de seu empreendimento filosófico estendeu-se por todo o período helenístico, quando essa escola se tornou a mais famosa do período, e prosseguiu até os dias atuais.

Para isso, organizamos o texto em três itens. Primeiramente, detalharemos algumas razões da origem do estoicismo no período helenístico, ou seja, com a dissolução do mundo clássico grego e do ideal da pólis, a filosofia, por meio da ética, se apresenta como um caminho seguro para praticar a arte de viver bem. Depois, apresentaremos as cinco fases do estoicismo, desde sua gênese, com Zenão de Cítio, seu fundador, até a sua dissolução no período imperial. Por último, elencaremos e analisaremos algumas teses de Sêneca acerca da brevidade da vida.

Traços do estoicismo

Depois da construção dos grandes sistemas filosóficos de Sócrates, Platão e Aristóteles, conhecido como período clássico, a filosofia atinge o ápice do seu desenvolvimento intelectual pelo ideal de vida contemplativa, pela fusão entre o cosmo, o homem e a cidade (pólis). Assim, devido aos acontecimentos políticos, a filosofia entra em uma nova fase, centrando-se, sobretudo, na ética, no indivíduo, no ideal do sábio. O estoicismo, o epicurismo, o cinismo e o ecletismo são as novas correntes de pensamento em torno desse ideal.

É nesse contexto que surge e se desenvolve o estoicismo enquanto filosofia de vida. Com a dissolução do período clássico, a filosofia mantém seu valor, porém enquanto filosofia prática, não como orientadora do agir coletivo, mas do agir individual. A

filosofia, agora, começa a traçar os princípios fundamentais para a busca da vida boa: a felicidade, capaz de propiciar, principalmente ao sábio, àquele que progrediu moralmente, a paz, a tranquilidade da alma.

Distante da pólis, o homem se vê perdido no cosmopolitismo. Como alternativa, o homem refugia-se em torno de si, no seu mundo interior, por meio da reta razão, pela prática das virtudes, principalmente pela moderação, superando e canalizando os desejos, os impulsos e as paixões.

Assim, o sábio estoico, pela sua condição conquistada pela pesquisa e pela meditação filosófica, afasta-se da multidão, do público, da plebe, das honras, dos bens materiais. Nesse sentido, o estoicismo é uma corrente filosófica que tem como objetivo refletir e propor ações práticas acerca da vida boa do homem, sobretudo, por meio de ensinamentos práticos, éticos.

As raízes do estoicismo estão fundadas no pensamento e na atividade filosófica de Sócrates, oriundos das obras de Platão, sobretudo do *Fédon*, da *Apologia de Sócrates*, do *Timeu*, do *Teeteto* e da *República*. Os seguidores de Zenão dão continuidade aos ensinamentos do mestre e a essa tradição. Além disso, são incorporadas influências de outras correntes filosóficas, como o cinismo, o epicurismo e o ecletismo.

Assim, a jornada filosófica do estoicismo se inicia no ano de 306 a. C., em Atenas. Depois de um longo período de ascensão, durante o Império Romano, a escola desapareceu e a doutrina ficou quase esquecida. Retomada posteriormente por alguns autores, dentre eles Agostinho de Hipona, na obra *Beata Vita*, o estoicismo faz uma longa pausa na Idade Média, com pouca influência no pensamento filosófico medieval. Porém, na modernidade, há uma retomada de alguns aspectos de sua doutrina com Thomas More, Descartes, Leibniz, Rousseau, Grotus, Adam Smith, Kant, sobretudo com Espinosa e Joseph Butler. Recentemente, há traços em Moore, Foucault, MacIntyre e Taylor.

Zenão de Cítio, nascido em Cítio – uma cidade helênica que recebeu inúmeros colonos fenícios (por isso, o filósofo também é chamado de “o Fenício”) –, na ilha de Chipre, é o fundador do estoicismo. Ele nasceu em 332 a.C. e faleceu no ano de 261 a. C. A influência de seu empreendimento filosófico estendeu-se longinquamente e historicamente por todo o período helenístico e prosseguiu até os dias atuais. Assim, o estoicismo tornou-se a escola mais famosa da época helenística.

Segundo Hecáton e Apolônios de Tiros, na obra *Sobre Zenon*, Zenão foi consultar um oráculo, à semelhança de Sócrates, para saber o que deveria fazer para alcançar uma

vida boa. A resposta do deus do oráculo foi que ele deveria “igualar-se aos mortos. O filósofo entendeu corretamente e passou a ler os autores antigos” (LAÉRTIOS, 2008, p. 181).

Não é possível afirmar com segurança sobre a formação intelectual, ética e cultural de Zenão. Sabe-se que seu pai era mercador e trazia das suas viagens livros sobre Sócrates. Quando chegou a Atenas, atraído pela filosofia, Zenão tinha vinte e dois anos de idade e já possuía leituras sobre o pensamento socrático. Nessa cidade, iniciou seus estudos formais com filósofos que procuravam ser porta-vozes vivos e autênticos da filosofia de Sócrates. Dessa forma, a origem do estoicismo possui uma profunda imbricação com a filosofia socrática.

Seus primeiros estudos foram com Crates, filósofo cínico, e com Estílpon Megárico. Participou também das preleções filosóficas de Xenócrates – discípulo de Platão –, de Pólemon e de Diodoro Crono.

Zenão escreveu as seguintes obras, porém, todas perdidas: *República*; *Da vida segundo a natureza*; *Dos impulsos ou da natureza humana*; *Das emoções*; *Do dever*; *Da lei*; *Da educação helênica*; *Da visão*; *Das espécies de estilo*; *Do universo*; *Dos sinais*; *Questões pitagóricas*; *Dos universais*; *Problemas Homéricos*, em cinco livros; *Da leitura da poesia*; *Arte retórica*; *Soluções e refutações*, em dois livros; *Recordações de Crates e Ética* (LAÉRTIOS, 2008, p. 181).

Dentre todos os tratados, o mais desafiador é o da *República*, sua primeira obra, considerado um livro político utópico. Nele aparecem nítidos traços cínicos, em que a maior parte das instituições cívicas, como templos, tribunais, cunhagens, educação convencional, casamento, família, roupas diferenciadas para os sexos etc., deveria ser abolida. Implícito a essa postura radical inicial do desenvolvimento de seu pensamento, evidencia-se algo “que estava prestes a se tornar a chave da filosofia madura de Zenon, [que] era sua tentativa de resgatar um papel ético para os valores tradicionais” (SEDLEY, 2006, p. 10).

Cícero, Sêneca e Epicteto também conjecturaram, em contextos diferentes, a possibilidade da valorização dos preceitos éticos tradicionais nas ações das pessoas, dos grupos e das instituições.

Zenão costumava proferir seus discursos e preleções, andando de um lado para outro, à semelhança dos peripatéticos, na Colunata Pintada em Atenas, que significa *Stoà Poikíle*, ou, simplesmente, Pórtico. Por ser estrangeiro, não lhe era permitido comprar um

imóvel. Daí vem a denominação atribuída aos estoicos de filósofos do pórtico, como foram chamados os seguidores de Zenão. Na Colunata, era possível ficar longe das pessoas profanas.

Zenão permaneceu em Atenas até sua morte. A escola que ele “fundou veio a se tornar a escola principal da Era Helenística” (SEDLEY, 2006, p. 11). Ele seguiu a divisão da filosofia em física, lógica e ética. O autor desta divisão foi Xenócrates, discípulo de Platão e o segundo diretor da Academia, que exerceu o cargo de 338 a 313 a. C. Essa divisão caracteriza sistematicamente o pensamento de Platão (REALE, 1994, v. III, p. 94).

Assim, a ética de Zenão foi elaborada e moldada pela influência da moralidade cínica, por meio de Crátes. Sua física deriva, sobretudo, do *Timeu* de Platão, mas também da influência de Heráclito, principalmente pela noção do fogo, em que o mundo é divinamente governado pela “matéria-prima” impregnada de uma força motriz, denominada de “deus”, ambas realidades corpóreas. Essa divisão da filosofia aparece na obra *Sobre a lógica* de Zenão.

Segundo Laértios (2008, p. 189-190), os discípulos famosos de Zenão foram: Persaios, Aríston, Hérilos de Cartago, Dionísios, Sfairos de Bôsporos, Cleantes, sucessor de Zenão na escola, Filomenos de Tebas, Cálipos de Corinto, Poseidônios de Alexandria, Atenodoros de Soloi e Zenon de Sidon.

As cinco fases da escola estoica

Tradicionalmente, a escola estoica ou o estoicismo é dividido em três fases: Estoicismo Primeiro, Estoicismo Médio e Estoicismo Romano.

O período do Estoicismo Primeiro corresponde à fundação e ao desenvolvimento gradativo dos pressupostos filosóficos da escola com Zenão de Cítio, por volta do ano 300 a. C., até o final do século II a. C. Zenão dirigiu a escola do ano 300 a 262 a. C. Seu sucessor foi Cleantes, que ocupou o cargo de 262 a 232 a. C. Depois assumiu Crisipo, permanecendo na direção até o final do século II a. C., considerado o pensador e sistematizador mais influente e significativo da escola, por ter solidificado sua doutrina.

O período seguinte, chamado de Estoicismo Médio, corresponde ao final do século II ao século I a. C., conhecido como a era de Panécio e Posidônio. Nessa fase, a escola caracteriza-se pela influência de doutrinas ecléticas ao sistema original, principalmente pelo pensamento platonizante. O *Timeu* de Platão, devido à sua visão de mundo na

cosmologia dos primeiros estoicos, era quase venerado nos estudos de Posidônio. O pitagorismo também exerceu profunda influência no pensamento deste pensador.

O terceiro período, chamado de Estoicismo Romano, desenvolveu-se em Roma, no período imperial, com Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Desta fase do estoicismo tem-se as obras completas, exceto alguns livros do *Diatribes* de Epicteto.

O Estoicismo Romano preocupou-se essencialmente com a questão moral, pois Roma e a expansão do império geraram novos problemas existenciais com o acúmulo de riquezas, as conquistas, as luxúrias e os novos valores cívicos. Esse período coincide com os primórdios do cristianismo, que também procurava encontrar novas razões para existir e viver, em busca de uma vida boa.

Entretanto, Sedley (2006, p. 7-34), diferente do costumeiro, apresenta a origem e o desenvolvimento do estoicismo e de sua escola em cinco fases: primeira geração; a era dos primeiros escolarcas atenienses; a fase platonizante; a fase da descentralização da escola no século I a. C. e a fase imperial e sua diáspora. Essa divisão em cinco fases se justifica porque cada uma caracteriza uma perspectiva diferente de ser estoico, com suas especificidades inerentes à epocalidade histórica.

A primeira geração do estoicismo se estruturou e desenvolveu em torno de Zenão de Cítio, fundador da *Stoa*, como já vimos, mas com acréscimos e supressões doutrinárias dos pilares dos pressupostos filosóficos iniciais da escola. Assim, não há um compromisso formal dos seguidores de Zenão de simplesmente reproduzir suas doutrinas. “Seus colegas principais constituíram um grupo altamente independente e heterogêneo” (SEDLEY, 2006, p. 13). O único estoico da primeira geração que se comprometeu com a ortodoxia da escola foi Cleantes.

A segunda fase, denominada de era dos primeiros escolarcas atenienses, situa-se após a morte de Zenão. Nesse período, com algumas exceções, parece haver uma busca pela identidade originária da escola em torno da doutrina de seu fundador. Efetua-se um exame minucioso dos escritos de Zenão e uma defesa e uma elaboração de suas doutrinas. Busca-se fazer uma hermenêutica correta em torno das palavras do fundador. Nesse sentido, há disputas entre Cleantes e Crisipo. Crisipo chegou a ensinar fora da escola, mas retornou para suceder Cleantes, permanecendo na direção da escola até 230 a. C., ocasião de sua morte.

Dentre as interpretações pelo seguimento correto da doutrina da *Stoa* entre Cleantes e Crisipo, uma delas refere-se à natureza das impressões, representações ou

aparições (*phantasíai*).

Para Cleantes, a *phantasíai* são imagens pictóricas de seus respectivos objetos impressos ou registrados na alma, sendo uma parte corpórea do ser vivo. Porém, Crisipo, argumentava que é impossível a alma reter, simultaneamente, uma pluralidade de tais impressões literais, porque as representações geram modificações na alma. Essas sutis diferenças são mais aparentes do que substanciais, pois ambos rivalizavam em torno das palavras de Zenão.

Para Zenão, o fundador da *Stoá*, seguindo a tradição inaugurada pela famosa imagem da mente como uma placa de cera, no *Teeteto* de Platão, as impressões são sinais impressos na mente humana.

Sendo assim, a fonte da autoridade eram as obras de Zenão. Entretanto, como elas não eram sistemáticas, tonava-se possível o debate exegético. Exemplo disso é a *República*, uma obra da juventude e seu primeiro tratado. Muitos estoicos sentiam-se constrangidos em defender ou seguir seus preceitos, porque este tratado defendia práticas sociais escandalosas não convencionais como: homens e mulheres deveriam usar as mesmas roupas; nenhuma parte do corpo poderia permanecer descoberta; somente os excelentes e virtuosos são cidadãos, amigos, parentes e livres; todos deveriam ser sábios; a construção de templos, tribunais e ginásios nas cidades era proibida; extinção da moeda, porque ela é desnecessária; os não virtuosos eram adversários, inimigos e servos (LAÉRTIOS, 2008, p. 189).

Entretanto, Crisipo defendia as posições de Zenão. Foi diretor da escola de 230 a 206 a. C. Ele “é reconhecido universalmente como o pensador mais importante da história da escola” (SEDLEY, 2006, p. 18). Crisipo destacou-se pela elaboração e sistematização enciclopédica do pensamento estoico com uma série de tratados, totalizando setecentos e cinco volumes.

Depois da morte de Crisipo, até cerca de 150 a. C., apenas dois escolarcas dirigiram a escola: Zenon de Tarso e Diógenes da Babilônia. Esse último desenvolveu estudos de estética, teoria musical e retórica.

A terceira fase, denominada período platonizante, caracteriza-se, sobretudo, pela assimilação da herança platônica. Diógenes da Babilônia foi o primeiro filósofo estoico a introduzir essa tendência acadêmica. Porém, seu sucessor, Antípatro de Tarso, que dirigiu a escola de 150 a 140 a. C., foi o grande articulador e incentivador dessa corrente de pensamento. Antípatro era um notável conhecedor da lógica. Além disso, escreveu um

tratado intitulado *Sobre a doutrina de Platão de que só o que é virtuoso é bom*, em que defende que muitas doutrinas estoicas estão em consonância com o pensamento de Platão.

Panécio, sucessor de Antípatro, que dirigiu a escola de 129 a 110 a. C., e Posidônio, seguidor de Panécio, continuam as investigações para explorar o que a escola tem em comum com as doutrinas de Platão. Posidônio fez do *Timeu* de Platão, na área da cosmologia, um objeto especial de estudo e veneração. Além disso, por meio de Platão, procurou filiar-se a um dos maiores filósofos de todos os tempos – Pitágoras. Tanto Panécio como Posidônio tinham com o hábito de fazer pesquisas nas obras dos platônicos antigos e dos peripatéticos. Ambos escreveram sobre questões históricas, geográficas e matemáticas.

O momento seguinte da escola, a quarta fase, chamada de fase da descentralização, é marcado pela sua diáspora. A diáspora das escolas filosóficas de Atenas no século I a. C. possui algumas causas. Dentre elas, uma é de suma importância para a história da filosofia. Nos anos de 88 a 86 a. C., Atenión, filósofo peripatético, e Arístión, filósofo epicurista, adquiriram, brevemente, poder absoluto em Atenas. Devido a esse poder, aliaram-se a Mitridates contra os romanos. Ainda, Arístión exerceu um breve reinado como tirano em Atenas. Com isso, ele sofreu um ataque de Sula e a cidade de Atenas foi pilhada. Como consequência, Atenas é destituída da posição central de capital intelectual do mundo antigo.

Diante desse fato, tornou-se difícil para as escolas, mesmo a Academia e o Liceu, conseguirem alunos. Além disso, por motivos políticos, era perigoso ser filósofo em Atenas. Depois que Sula, em 86 a. C., tomou a capital Atenas, não restou outra alternativa aos filósofos a não ser a de saírem da cidade. Consequentemente, as escolas perderam seu prestígio institucional. Há poucas informações sobre a sucessão dos escolarcas nas escolas nesse período.

Sabe-se que Filo de Larissa e Antíoco, que disputavam a direção da Academia, conduziram suas lutas de Roma e de Alexandria. Os novos centros filosóficos, agora, são Roma, e, sobretudo, Alexandria. Boa parte das coleções dos livros das escolas foi levada para estas e outras cidades. Outras coleções se perderam. Sula enviou algumas para Roma.

Depois da morte de Panécio, a escola estoica desloca-se de Atenas para Rodes. Sabe-se com segurança que Posidônio lecionou em Rodes. Por outro lado, não se sabe com certeza se a escola estoica continuou a existir em Atenas. Cícero, na obra *Academia*, II, 69, fornece indícios que sim. Segundo ele, após Panécio, foram nomeados Mnesarco e

Dardano como escolarcas da escola. Outra explicação conjectural é que depois de Panécio, a escola em Atenas ficou sem diretor formal e ela teria desaparecido. Diante dessa circunstância, Posidônio teria herdado formalmente o direito de exercer o cargo de diretor, porém exerceu-o em Rodes, pois herdou e levou consigo a biblioteca da escola.

Por último, há a fase imperial. Durante o período do Império Romano, principalmente no primeiro século da era cristã, o estoicismo manteve-se mais como uma opção de doutrina a ser seguida para quem buscasse a vida boa. Em Roma, não havia uma escola institucionalizada, como em Atenas. A escola romana tinha um currículo educativo, seguindo a divisão clássica da filosofia em física, lógica e ética, com acento nesta última. Nos séculos III e IV d. C. e seguintes, filósofos cristãos e neoplatônicos fundamentaram seus sistemas filosóficos com ideias estoicas.

Na era Júlio-Claudiana, ou seja, de Augusto a Nero, o estoicismo foi bem aceito em Roma. Augusto sustentava dois filósofos estoicos: Atenodoro de Tarso e Ário Dídimo. Os dois exerciam as atividades de conselheiros morais e de eruditos em filosofia. Sêneca, por sua vez, foi tutor e conselheiro de Nero.

Já Epicteto não se envolveu com nenhum imperador nem com a política romana, mas dava muitos conselhos a cidadãos romanos de classe alta. Seus ensinamentos orais, preservados por Ariano, tornaram-se a fonte fundamental para a reconstrução dos padrões estoicos sobre a educação desse período.

Marco Aurélio, sob patrocínio imperial, instituiu quatro cadeiras de filosofia em Atenas: estoicismo, epicurismo, platonismo e aristotelismo. Esse fato fez ressurgir Atenas como centro intelectual do Império, juntamente com outras capitais helenísticas, como Pérgamo, Esmirna, Antioquia e Alexandria (GILL, 2006, p. 38).

A brevidade da vida em Sêneca

Para Sêneca, grande parte das pessoas ocupa o tempo da vida invejando e se correndo com o destino e as boas ações dos outros, desprezando seu destino. Sem objetivos na vida, lançam-se por caminhos e propósitos levianos, encontrando e colhendo desgostos, frustrações e tristezas. Algumas, por não terem construído um rumo na sua existência, são flagradas pelo destino, pelas escolhas irracionais, com as forças físicas e psíquicas esgotadas e sonolentas.

A maioria das pessoas apenas existe, deixando e esperando o tempo passar.

Poucas conseguem viver de forma corajosa, profunda, racional, meditativa, pois pequena é a parte da vida em que realmente se vive. Os vícios e as paixões sufocam as pessoas. São acolhidos e seguidos de forma voluntária, o que ofusca a razão que não consegue distinguir com lucidez a verdade das coisas e não permite que as pessoas se voltem para si mesmas, para os valores intrínsecos da alma.

Mesmo encontrando momentos de inspiração e paz, as pessoas são movidas pelas suas ambições, riquezas e poder, permanecendo pouco tempo e disposição para buscar a tranquilidade da alma.

Muitas, para manterem as riquezas, vivem sufocadas e angustiadas. Outras se preocupam com a necessidade de manter a eloquência e o talento. Outras ainda se perdem na libertinagem. Além disso, muitas ficam prestando homenagens aos seus patrões ou políticos, acompanhando-os em cortejos pelas ruas, empenhando-lhes seu voto. Poucas procuram cuidar de si, refletindo sobre a brevidade da vida e o sentido da existência.

O sábio não se espanta com a cegueira e a alienação das pessoas, porque poucas dispensam tempo para perscrutar sobre si próprias. Muitas somente planejam o cuidado de si, a meditação, a paz, a tranquilidade da alma, na velhice, só porque, nessa fase, a vida torna-se improdutiva para a busca de bens exteriores. “Que tolíce dos mortais a de adiar para o quinquagésimo e sexagésimo anos as sábias decisões e, a partir daí, onde poucos chegaram, mostrar desejo de começar a viver” (SÊNECA, 2006, p. 32).

Essas considerações e convicções de Sêneca enaltecem a ética, a arte que procura refletir e viver a brevidade da vida. A ética é o coração e a alma do sistema estoico, que é voltar-se a si mesmo. No dia a dia da vida, a maioria das pessoas vive em uma correria desvairada. Algumas até pensam e sonham em começar a viver, mas poucas conseguem. Mergulhar na dimensão da meditação, da reflexão, alargando o desenvolvimento da consciência moral, não é entregar-se à inércia e à preguiça. É evitar seguir os padrões do pragmatismo, do imediatismo, da futilidade de muitos setores sociais, políticos e jurídicos do Império Romano.

Todas estas e outras atividades humanas são necessárias e essenciais em uma sociedade. Mas somente ocupar-se com elas é viver uma vida muito efêmera e prófuga. Sêneca tem a convicção de que não é possível que todas as pessoas de uma sociedade se dediquem à filosofia. A maioria das pessoas não possui, por sua própria escolha e pela estrutura ideológica e pragmática da sociedade, predisposição às reflexões profundas e, muito menos, vontade e capacidade de controlar os desejos, os impulsos, as paixões e os

conhecimentos básicos de filosofia para buscarem o cuidado de si. Poucas são as pessoas, os sábios, que conseguem viver uma vida de austeridade, de resignação, de busca do equilíbrio exterior e interior, com predominância dos valores da alma.

Por isso, o bem ou a virtude, que é a felicidade, para o estoicismo, “não consiste no prazer ou no interesse individual, mas na exigência do bem, ditado pela razão e que transcende o indivíduo” (HADOT, 2008, p. 188). O desenvolvimento da experiência moral estoica gera uma consciência aguda da condição humana de ser itinerante. Condicionada, na sua maior parte, pelas causas exteriores, ou seja, a doença, a morte, o corpo, os reveses da fortuna, as circunstâncias contingenciais etc., a pessoa sente-se conduzida pela necessidade inexorável do destino.

Porém, a escolha para fazer o bem, viver segundo a natureza e a razão, a vontade de agir escolhendo os bens da alma tornam a pessoa forte, livre e determinada. O refúgio do sábio é o mundo interior, sua consciência. “Lá é que se encontrará a liberdade, a independência, a invulnerabilidade e, o valor eminentemente estoico, a coerência consigo mesmo” (HADOT, 2008, p. 189).

Poucas são as pessoas que estão dispostas a buscar o aperfeiçoamento intelectual, moral e psíquico. Há aquelas que nunca estão disponíveis para nada, exceto para o vinho e os prazeres físicos. Outras são avarentas, raivosas e se entregam ao ódio e às guerras injustas. Estas, pelo menos, pecam e erram de forma mais viril. Há aquelas ainda, imergidas no mundo dos prazeres da carne, que procuram, a todo custo, viverem nas e das horarias. Ocupam suas vidas com cálculos, armadilhas, temendo, bajulando e sendo bajuladas, preocupadas com a sua segurança e a dos outros, gastando em banquetes, prática comum para quem vive e busca a honra de forma incessante.

Muitas pessoas ilustres conseguiram afastar todos os obstáculos, renunciaram as riquezas e os bens materiais, os negócios e os prazeres. Elas conseguiram usar o tempo livre até a morte para apreender a viver. Outras não conseguiram esse feito do cuidado de si. As que realizaram esse projeto existencial conseguiram manter o foco, tornaram-se guardiãs de si mesmas, sem distração, sem subordinação a outras pessoas. Viver assim nobremente é praticar a *eupraxis*, a arte de viver bem.

A maioria das pessoas vive angustiada, agitada e temerosa, sobre a ânsia do futuro e o tédio do presente. Porém, a pessoa que utiliza o tempo para si mesma, “que organiza todos os dias como se fosse o último, não deseja, nem teme o amanhã” (SÊNECA, 2006, p. 43). Sente-se saciada, porque nada pode lhe ser tirado ou adicionado, pois o sentido da

arte de viver bem já está assegurado. Somente o cuidado de si, o mergulho nas entranhas da alma, do ser, do existir, pode lhe garantir essa segurança. Esteja onde estiver, a pessoa íntegra já alcançou o máximo do sentido da brevidade da vida, que é o conhece-te a ti mesmo.

O tempo da existência transcorre de forma silenciosa. O tempo da vida segue o seu curso inexoravelmente. Ninguém avisa a pessoa sobre a velocidade desse tempo. O mesmo se diga do tempo passado, pois não é possível recuperá-lo ou revertê-lo. O tempo simplesmente existe e segue sua lei própria do destino. O tempo não se prolonga por influência de uma pessoa poderosa ou pelo desejo do povo. “Correrá tal como foi impulsionado no primeiro dia, nunca sairá do seu curso, nem retardará” (SÊNECA, 2006, p. 45).

Vive-se ocupado com a finalidade de viver melhor, acumulando bens, executando projetos a longo prazo. Essa postura é imprudente, porque rouba o tempo presente, ignorando-o, e compromete o tempo futuro. “A expectativa é o maior impedimento para viver: leva-nos para o amanhã e faz com que se perca o presente” (SÊNECA, 2006, p. 46).

Todas as coisas que virão jazem na incerteza. Por isso, Sêneca convida Paulino a viver bem a partir desse momento. Sem iniciativa, sem determinação, o tempo foge rapidamente como uma corrente d’água. O melhor dia para se iniciar o cuidado de si é o de hoje, pois é desagradável chegar à velhice sem ter aproveitado o tempo. Na verdade, nada é previsto. Subitamente, chega-se à idade avançada, despreparado e desarmado para enfrentá-la e vivê-la. Se a velhice por si só tem suas limitações, elas se tornarão ainda maiores quando a pessoa perceber que a vida e o tempo simplesmente passaram e que todos os projetos engendrados e realizados foram fúteis, frágeis e líquidos.

Mesmo que o tempo de vida seja curto, é possível aprender a viver. Dar-se conta da brevidade da vida, da finitude já é um passo, porque o caminho da vida é incessante e rápido. Quem consegue desenvolver a prática da reflexão e da meditação, do cuidado de si, tende a viver mais feliz.

A vida se divide, em geral, em três períodos: aquilo que foi o passado; o que é o presente; e o que será o futuro. O que fazemos é breve; o que fomos, dúbio; e o que fizemos, certo. O passado já foi e não há nada o que fazer. Restam somente lembranças. Porém, são os homens ocupados que possuem essa postura pejorativa do passado, não havendo tempo para meditá-lo, porque é desagradável e penoso, devido aos maus tempos, que foram reduzidos e vividos sob a égide dos prazeres e dos vícios.

Nessas circunstâncias, recordar o passado pode trazer arrependimento, peso de consciência. Principalmente quando a pessoa cobiçou ambiciosamente, desprezou arrogantemente, enganou perfidamente, venceu violentamente, agiu desonestamente e gastou prodigamente.

Todos estes fatos fazem parte da vida. Não é possível culpar o destino ou os deuses por tais fatos, pois eles foram escolhidos e deliberados de forma imprudente. Não é possível destruir esses fatos desonestos. A posse deles é perpétua e intrépida. Porém, um espírito com recordações virtuosas do passado sente-se com o juízo tranquilo, podendo contemplá-lo. Já o espírito de um homem ocupado não possui motivos para dobrar-se sobre si mesmo. Sua vida se precipita nas profundezas da alma. Assim como de nada serve encher com líquido uma vasilha sem fundo, assim também não importa recordar o tempo, nem o tempo de sua duração, pois não há como retê-lo.

Nesses casos, o tempo atravessa a vida das pessoas abaladas sem que ocorra aprendizagem, porque elas não o perceberam. “De fato, ele está sempre em curso, flui e se precipita; deixa de existir antes de chegar” (SÊNECA, 2006, p. 51). Assim, para os homens ocupados, só existe o tempo presente. Mas esse tempo é tão breve que não pode ser alcançado, porque eles estão distraídos com inúmeras ocupações. E esse tempo presente é fugidio.

No entanto, eles também desejam viver uma vida longa. Velhos decrepitos mendigam, em forma de súplicas, que seus anos de vida sejam prolongados. Fingem ser mais novos, lisonjeando a si próprios com mentiras, enganando-se a si mesmos, com a intenção de iludir e postergar o destino. Por isso, diante de uma doença, se desesperam e morrem amedrontados, com sensação de que a vida lhes foi arrancada. Arrependem-se por não terem vivido, de não terem buscado a tranquilidade da alma. Chamam ao destino por uma nova chance para ainda começar a viver. Dão-se conta de que viveram uma vida devassa, ocupando-se com coisas inúteis sem poder aproveitá-las e quão vão foram seus trabalhos ininterruptos. Por outro lado, o sábio, o homem velho, que viveu a vida profundamente, não teme ir à morte com tranquilidade e segurança.

Na visão de Sêneca, somente os conhecimentos da Filosofia, particularmente o estoicismo romano, são capazes de elevar o homem a busca dos bens da alma, principalmente a excelência e a contemplação, o ócio filosófico. Além disso, diante essa atividade nobre, o sábio usufrui daquilo que os deuses possuem em abundância, que é a felicidade eterna ou a eternidade.

Essa forma de vida austera faz com que o sábio estoico viva imune às paixões. “O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade. É também indiferente à glória e à obscuridade. [...]. Os sábios são criaturas divinas, pois têm em si, por assim dizer, a divindade” (LAÉRTIOS, 2008, p. 208).

Os sábios, obviamente, beberão vinho, mas jamais se embriagarão. Jamais serão vítimas da loucura, jamais se deixarão dominar pelo sofrimento, delírio e melancolia, porque estes sentimentos são, segundo o estoico Apolodoros, na obra *Ética*, contrações irracionais da alma.

Os sábios, bem como os homens bons, veneram a divindade, porque conhecem e estão familiarizados com tudo o que se relaciona com os deuses. E os nomes das divindades são designados por Deus, substância única, mente, destino, Zeus e outros. Além disso, pelo sentimento da piedade se oferece culto e louvor aos deuses. Oferecendo sacrifícios aos deuses, os sábios e os crentes esclarecidos se mantêm puros, evitando atos ofensivos, mantendo-se santos e justos, capazes de desfrutar do amor e dos favores divinos. Enfim, “os sábios são os únicos sacerdotes, porque têm ideias claras sobre os sacrifícios, sobre a construção dos templos, sobre as purificações e os demais assuntos divinos” (LAÉRTIOS, 2008, p. 208).

Os grandes sábios fundadores das ideias sagradas nasceram para abrir caminhos virtuosos para os homens seguirem. Pelas suas pesquisas e obras, eles conduzem as pessoas das trevas à luz, às coisas mais belas e sublimes, ao bem supremo, a felicidade. Somos livres para pesquisar, para mergulhar na sabedoria de qualquer século.

O tempo distendido às honras, às homenagens, aos monumentos, a tudo aquilo que foi alcançado pelo trabalho ambicioso há de ruir, porque não existe nada que a passagem do tempo não arruíne ou coloque em desordem.

Em contrapartida, algo jamais poderá ser destruído: o conhecimento, a sabedoria. Por isso, a vida do sábio se estende por um tempo maior. Ele não está submetido aos limites contingenciais em que a maioria das pessoas se encontra, pois sua vida não depende estritamente das leis do gênero humano. Além do mais, todos os séculos veneraram o sábio como um deus. Se algo por ventura se perder no passado, ele recupera com a memória. “A união de todos os tempos em um só momento faz com que sua vida seja longa” (SÊNECA, 2006, p. 69).

Para aqueles que esqueceram o passado, negligenciaram a vida presente e temem o futuro, a vida torna-se muito breve e conturbada, cheia de instabilidades subjetivas,

existenciais, sociais e financeiras. Suas atitudes imprudentes e sem rumo atormentam seus sentimentos incertos, ofuscando a consciência de seguir a natureza e a reta razão, de acordo com os desígnios da divindade. A frustração com o tempo perdido os faz temerem ainda mais a morte que está por vir.

Acham os dias longos, reclamam que a hora do jantar demora, sentem-se abandonados e inquietos, porque não tem o que fazer. Enquanto aguardam o dia do combate dos gladiadores, ou outro evento ou espetáculo, desejam pular os dias para apressá-los, pois toda espera para algo lhes é penosa. Mas, quando usufruem do momento esperado, este lhes passa rapidamente, tornando-se breve devido à culpa e à ansiedade, pois transitam entre os prazeres sem conseguir usufruir do momento.

Porém, quando passam as noites festejando com as prostitutas, bebendo, o tempo é curto. Mesmo dando demonstrações de alegria nas festas de orgia, os seus prazeres são inquietos e abalados devido aos tormentos da alma. Não conseguem esquecer seus pensamentos conflituosos íntimos. Ou seja, bebem e festejam para abafar as mágoas, as tristezas e as ansiedades.

Para conservar a felicidade, é necessário alimentá-la com novos atos de felicidade. A felicidade é um produto de ações justas, nobres e morais. Tudo o que vem por acaso torna-se efêmero e tudo aquilo que se eleva muito alto, sem fundamento, facilmente se desfaz e cai. As pessoas mantêm com muito esforço suas conquistas materiais, mas sentem-se apreensivas para mantê-las.

Por isso, o tempo passa rápido, pois novas preocupações substituem as antigas, porque uma nova ambição provoca sempre mais ambição. Por exemplo, algumas pessoas buscam galgar cargos administrativos. Trabalham como candidatos, depois se tornam eleitores, depois juízes, pretores, cônsules etc. Dessa forma, a vida edifica-se em torno “das preocupações; [assim] nunca o ócio será obtido, [mas] sempre desejado” (SÊNECA, 2006, p. 75).

Considerações finais

O propósito deste artigo foi descrever e analisar algumas teses filosóficas do estoicismo e sobre a brevidade da vida em Sêneca, na obra *Sobre a brevidade da vida* (*De brevitae vitae*) (BV).

Assim, Sêneca clama a Paulino, no capítulo XVIII da obra BV, a se afastar do

vulgo e procurar um porto seguro mais tranquilo, dedicando-se ao ócio filosófico. Depois de tantas agitações públicas e privadas suportadas, é hora de cuidar inteiramente de si e ser virtuoso, pois a melhor parte de sua vida foi dedicada à República.

Na verdade, Sêneca está se referindo a si mesmo, à sua atuação profissional. Escreve a si mesmo, instigando a dedicar-se com toda a devoção e índole ao ócio como um ministério honroso. O ócio é um refúgio mais tranquilo, seguro e elevado. É o bem supremo de todas as atividades humanas, porque é possível dedicar-se aos santos e sublimes estudos desinteressados, contemplando a natureza de Deus, do mundo, do destino da alma.

Quando Sêneca se refere à atividade da vida contemplativa pelo ócio filosófico, é esse horizonte que ele possui em mente. A ênfase de Sêneca ao ócio não descaracteriza sua filosofia essencialmente prática, voltada e direcionada em busca de uma reforma moral na sociedade romana.

Logicamente, bem diferente é a forma de vida das pessoas atualmente. Existir hoje significa produzir, consumir, ser apaixonado e seguidor de uma marca das mercadorias e serviços produzidos pela civilização globalizada. Nesse cenário, somos proprietários de nós mesmos e das coisas. As pessoas, principalmente as idosas, são valorizadas enquanto consumidoras dos produtos, bens e serviços (BAUMAN, 2010).

Viver nessa condição existencial materialista, imediata e frágil é muito pouco para constituir um projeto de vida autêntico, aberto e crítico. Por isso, a filosofia estoica apresenta algumas sinalizações reflexivas da natureza humana, dos bens da alma, da subjetividade, da condição de finitude, principalmente na velhice. Talvez a principal delas: neste mundo tumultuado deve-se buscar a paz e a tranquilidade da alma, porque a vida é finita e breve.

Para finalizar, segundo Dalbosco, o conhecimento e o diálogo crítico com o humanismo grego e latino, a busca pela formação humanística, visitando-os criticamente, pode contribuir para que uma pessoa consiga realizar melhor análises críticas, interpretativas e contextualizadas (2013, p. 6).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Vida a crédito: Conversas com Citlali Roviroso-Madrado*. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DALBOSCO, Claudio Almir. Sem humanização, o castelo desmorona. *Universo UPF*, Passo Fundo, n. 2, p. 6-7, mar. 2013.

GILL, C. A escola no período imperial romano. In: INWOOD. (Org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. p. 35-63.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion D. Macedo. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

LAÉRTIOS, D. *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 2008.

REALE, G. *História da filosofia antiga: Os sistemas da era helenística*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

SEDLEY, D. A Escola, de Zeno a Ário Dídimos. In: INWOOD. (Org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando T. Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. p. 7-34.